

11. O abraço de Deus

Meditando com Palestrina sobre o salmo 41, saboreamos alguns temas fundamentais para a verdade da nossa vida em Cristo que encontrei expressos também nas três frases na igreja de Chau Son Nord: o desejo, a dilatação da alma diante do TU de Deus para o qual é feita, isto é, na experiência do abraço de Deus, enfim, a experiência de que justamente este itinerário nos conduz a um repouso surpreendente e compartilhado, que cria entre todos um acordo perfeito. Encontrar juntos a realização do coração em Deus dá cumprimento à comunhão fraterna entre nós. Estar com Jesus é o paraíso, um paraíso de comunhão fraterna e universal.

É este o itinerário que São Bento traduziu no caminho da vida monástica cenobítica, que começa quando Deus procura um homem que deseja a vida e a felicidade (cf. RB Pról. 14-15; Sl 33,13), passa pela via da humildade fraterna em que “o coração se dilata e percorre o caminho dos mandamentos de Deus” (RB Pról. 49), e se cumpre em sermos todos juntos conduzidos por Cristo à vida eterna (cf. RB 72,12).

Quando não se vive a vida cristã e monástica com esta intensidade, ela se torna um caminho sem sentido, que não conduz a nossa humanidade à plenitude de vida com Cristo e em Cristo para a qual Ele morreu na cruz e ressuscitou. Viver intensamente a nossa vocação não significa vivê-la perfeitamente, como se fôssemos “santos *subito*”, mas vivê-la com verdade, incluindo a verdade da nossa fragilidade e do nosso pecado.

Quando a alma, isto é, o coração, o eu, encontra Cristo e encontra repouso n’Ele, um repouso que invade de sentido e paz toda a vida e tudo da vida, ela percebe que aquele “*Te Deus – a Ti, ó Deus*” que a dilata em plenitude é um abraço, uma pertença, de dimensões surpreendentes.

O abraço é a forma da caridade de Deus para conosco. Um abraço de dimensões surpreendentes, surpreendentes justamente pelo fato de implicar toda a vida. Alguém desejava uma realização que o libertasse das provações, da doença, da fadiga, das misérias, das hostilidades, das antipatias, do tédio, uma realização, portanto, que lhe permitisse fugir de tudo isto, deixá-lo para trás, e eis que, na experiência daquela realização, tudo está compreendido, tudo é abraçado, encontra, isto é, seu cumprimento na pertença ao Senhor. Sobretudo, todas as relações são abraçadas, também as mais negativas, desgastantes, odiosas; também aquelas nas quais nós mesmos somos negativos, desgastantes e odiosos. E nos damos conta de que era justamente disto que precisávamos, desta caridade, desta caridade de Deus que se torna nossa no seu abraço. Descobrimos que não precisávamos fugir de nada, mas encontrar o abraço suficientemente largo, suficientemente dilatado, suficientemente *magnífico*, suficientemente *magnificante*, para abraçar tudo e todos, tudo em nós e tudo em todos. Precisávamos de uma dilatação do coração, de uma capacidade de magnificar – literalmente, de engrandecer –, que a nossa alma desejava, mas não podia dar-se a si mesma. A surpresa é que, abraçada por Deus e abraçando Deus, a alma abraça tudo e todos. Mas é tornada capaz disso porque aprende este abraço universal deixando-se abraçar pelo Senhor.

Como uma criança aprende a abraçar? Deixando-se abraçar pela mãe e pelo pai. Faz-me sempre sorrir ver crianças muito pequenas que querem abraçar outra criança. Vê-se que o gesto ainda não é decidido, medido, proporcionado. Não sabem onde colocar as mãos, onde pôr a cabeça, se devem apertar forte ou suavemente. Exercitam, com embaraço, uma experiência da qual são objeto, da qual fazem experiência perfeita quando são abraçadas pelos pais, pelos avós ou pelos irmãos mais velhos. Tenho sempre diante dos olhos a imagem de um menino que encontrei em meio a uma zona rural pobre na Eritreia. Devia ter cerca de doze anos. Segurava nos braços o seu irmãozinho de talvez três anos, e o fazia com uma ternura, com um amor, com um orgulho diante dos quais eu me disse: “Ah, se nas nossas comunidades soubéssemos amar-nos assim, abraçar-nos assim, se tivéssemos este cuidado terno e maduro uns para com os outros!”

Eu dizia que uma criança faz experiência perfeita do abraço dos pais. O abraço de uma mãe ao seu filho, desde o primeiro dia, é sempre perfeito, humanamente perfeito, nada falta, tem uma naturalidade absoluta. A criança intui que àquela experiência é chamada a corresponder, que é chamada a fazê-la sua, porque *naturalmente* quer tornar-se como a mãe, como o pai, intui que o seu crescimento deve seguir os rastros daquela pertença e, portanto, do abraço que a exprime. Mas quando começa a abraçar as outras crianças, há um embaraço, faz gestos inadequados, põe um dedinho no olho da outra criança, ou a aperta demais e lhe faz mal, ou bate a cabeça contra a cabeça da outra, ou o narizinho contra o narizinho da outra. De um lado hesita e, ao mesmo tempo, é demasiado impetuosa. Enfim, precisa exercitar até à assimilação um gesto, uma relação, um relacionar-se que passivamente já a constitui, que já é plenitude passiva do seu ser, a fim de que se torne o seu rosto, o seu gesto, a sua relação com os outros.

Isto vale para todo o nosso crescimento humano, espiritual, vocacional: é necessário que aquilo que nos constitui passivamente, objetivamente, aquilo que recebemos gratuitamente, se torne constituição ativa e subjetiva da nossa pessoa. É sobretudo necessário que o gesto com o qual Deus nos plasma se torne forma livre da nossa expressão pessoal. Em palavras mais claras, é necessário que o olhar amoroso de Deus sobre nós, aquele olhar que nos cria, que nos plasma, que nos dá o existir a cada instante e pela eternidade, se torne olhar amoroso do nosso coração para Deus e para os outros. O homem encontra a verdade de si mesmo quando eleva o olhar em direção ao olhar do Senhor, para descobrir-se amado e perdoado, e chamado a amar Deus e perdoar o próximo. Porque, olhando o olhar bom do Pai, cada um de nós não vê somente que é amado e perdoado, mas que Deus ama e perdoa todos os homens. Não se pode elevar o olhar à face de Deus sem nos sentirmos chamados a amar a todos com o seu mesmo amor. É o instrumento das boas obras do capítulo 4 da Regra de São Bento que, se o observássemos verdadeiramente, mudaria o mundo: “No amor de Cristo, orar pelos inimigos” (RB 4,72).